

“Imprendizaje”: lo (no) escrito en sastrería

Juliana Barbosa (*)

Daisy Moreira Cunha (**)

Resumen: El aprendiz en una sastrería aprende el oficio a través de una dualidad de procesos: la enseñanza consciente del maestro a través de la demostración de las tareas a realizar, que tiene lugar de forma verbal y eventualmente apoyada en una bibliografía especializada; y a través del proceso de “imprendizaje”, término acuñado por Schwartz y Durrive (2021), que traducen el acto de aprender por el simple hecho de insertarse en el ambiente de trabajo. En un mundo impregnado de secretos, los manuales escritos por los sastres son cada vez más importantes para el mantenimiento del oficio, un reto para los sastres desde la época de las Corporaciones de Oficios, que empezaron a llevar registros en el siglo XVI. Y para los sastres contemporáneos, a los que cada vez se les exigen más habilidades aparte de la aguja y las tijeras, el reto consiste en entender cómo dominar los programas informáticos y de otro tipo que optimizan las tareas y permiten producir y registrar estos conocimientos, situándose al mismo nivel que las exigencias actuales del mercado y la enseñanza.

Palabras clave: Sastrería, Ergología, Habilidades, Imprendizagem, Oficio, Conocimientos, Secretos comerciales.

[Resúmenes en inglés y portugués en la página 148]

(*) Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Social pela UNA- Minas Gerais Educação. Professora no Curso de Design de Moda na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação – FAE/UFMG. Especialista em Alfaiataria e Modelagem do Vestuário, desenvolve pesquisas referentes à Preservação dos Saberes Tradicionais do Alfaiate com o intuito de garantir a salvaguarda deste ofício.

(**) Doutorado em Filosofia (Epistemologia e História da Filosofia) na Aix-Marseille Université (2005); Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais; membro da Linha de pesquisa Política, Trabalho e Formação Humana do PPGE-UFMG.

“Imprendizagem”: os (não) escritos na alfaiataria

O ofício da alfaiataria é um ofício secular. Mantém-se de forma residual no mercado de trabalho devido a uma sociedade que demanda seus serviços e não o deixa se perder como tantos outros ofícios “esquecidos” (Seymour, 1988).

Ofícios importantes que se ocuparam de realizar produtos e itens necessários ao homem com qualidade e beleza, tal qual o próprio ato de produzir com as próprias mãos, invocando habilidades e um senso de estética.

Produtos que, apresentam qualidades que não vemos nos produtos produzidos de maneira massiva, seriada e descartáveis, como aqueles que temos hoje a nossa disposição.

Graças à revolução industrial, a diversidade de produtos disponíveis hoje consegue atender a demanda de toda uma sociedade ávida por consumo, porém são itens com pouca durabilidade, desenvolvidos por meio de processos produtivos ineficientes e com materiais inadequados que oferecem pouca ou nenhuma resistência, e que acabam por gerar um problema ainda maior como o que estamos vendo hoje com relação ao lixo ambiental em diversos segmentos, principalmente o têxtil.

Já o produto desenvolvido em menor escala, por artesãos, além da qualidade da matéria prima e da mão de obra empregada, oferece também uma outra relação com o trabalho, que define o propósito de vida daqueles que detém um ofício. Pois segundo Seymour,

Se tudo o que usamos tem de ser feio e chato de fazer, então qual pode ser o propósito de nossas vidas? Será que o que costumávamos chamar de qualidade de vida realmente existiu? Em outras palavras, uma qualidade de vida boa e suficiente. Ela poderia retornar? Ou nossa espécie deve continuar seu destino, sujeita a um trabalho entediante e cercada de mediocridade e feiura? (Seymour, 1988, p. 06).

A imprendizagem como processo de aprendizagem

Além da permanência do ofício e da qualidade de seus produtos, outra característica importante presente não apenas na alfaiataria, mas em praticamente todos os ofícios artesanais, se refere ao processo longo da aprendizagem e posteriormente, a formação do sujeito como um artesão por meio do próprio trabalho. Aprendizagens não codificadas, realizadas por meio da observação, na relação do aprendiz com seu mestre e seus pares de ofício. Pois, embora a alfaiataria possua registros importantes que datam do início do século XVI, desenvolvidos inicialmente pelos alfaiates espanhóis e posteriormente, pelos alfaiates franceses e ingleses, estes ainda são insuficientes frente à quantidade de processos que circulam em uma alfaiataria.

Processos que pertencem ao lugar, ao corpo do artesão que faz uso de si no exercício do ofício (Schwartz, 2000b). Saberes impregnados no sujeito, transmitidos por meio do exemplo para aqueles que estão lado a lado, sejam eles aprendizes ou colegas. No caso da alfaiataria, aprendizes e oficiais que observam todos os passos, os gestos, os modos de

fazer de seus mestres e/ou aqueles que detém qualquer tipo de conhecimento superior a aquele que o sujeito detém.

Esta é a *imprendizagem* a que Schwartz e Durrive se referem, um termo cunhado na abordagem ergológica que associa duas palavras: o aprender e o impregnar-se em um processo de aquisição e elaboração de novos saberes, como uma “forma de humildade em face da atividade de trabalho” (2021, p.287).

O aprender por meio da *imprendizagem* se constitui no processo em que o ato de aprender está para além da simples instrução ou demonstração das tarefas, mas no interesse do aprendiz ou do sujeito que aprende apenas pelo fato de estar situado ali, observando, mesmo que inconscientemente as operações que se realizam no lugar, ou ainda, de maneira intencional, tentando decifrar ações e movimentos realizados pelo mestre alfaiate ou mesmo pelos seus pares. Ações e gestos que muitas das vezes não são claramente verbalizados, por vezes são até mantidos em segredos, os ditos “segredos de ofício”, como no exemplo citado por Odonne,

Vinte anos atrás, os operários habilidosos não te diziam nada; um dos segredos é como afiar um instrumento. Antigamente, um operário de ofício era ciumento e não te ensinava o ofício, naquela época, aprender era realmente uma dificuldade. Havia mais observação do que transmissão. O operário mais velho, quando ia afiar a ferramenta no amolador, tentava até se esconder do aprendiz (Odonne et al, 2023, p. 185).

Segredos como estes eram muitas vezes apreendidos de maneira um tanto matreira, por meio de uma espécie de roubo. E Schwartz nos dá um exemplo desse suposto exercício de roubo ao relatar a história de um marceneiro italiano que, durante seu processo de aprendizagem da cofragem no ofício na construção civil, usava dessas estratégias para conseguir aprender o que não era claramente ensinado, por meio de ações que ele nomeava como “pequenos furtos”. Segundo o relato, esta era uma situação em que “não havia como fingir aprender o ofício de marceneiro [...] pois o aprendiz tinha que integrar uma série de noções formais e informais (técnicas, gestos, medidas, esforços etc.) que nem sempre eram transmitidos por aqueles que detinham o saber, não restando uma alternativa que não fosse o observar, no intuito de roubar aquele conhecimento que o outro, seja ele o mestre ou um companheiro de trabalho não desejava compartilhar:

No final de um aprendizado que muitas vezes durava entre 11 e 12 anos (fim da escolaridade na Itália do pós-guerra) a 20 anos (serviço militar), atingia-se o domínio quase completo do ofício. Este processo de aprendizagem não formal não só poderia levar a resultados convincentes, uma vez que o ambiente profissional era tão rico em conhecimentos diversos e variados, tanto profissionais como sociais. O despertar do jovem futuro trabalhador só foi acompanhado pelo seu poder de observação, o que me fez dizer muitas vezes que o aprendizado da época equivalia a um “furto” (Schwartz, 2000, p.9; grifo meu).

O termo furto e/ou roubo, apesar de pejorativo, é bastante apropriado para essas situações em que há a recusa de compartilhar saberes por parte daquele que detém o conhecimento. Esse mesmo termo é empregado para além do gestual técnico, mas também com relação a forma de se relacionar com seus pares e empregadores. Situação descrita por um delegado sindical e operário da Fiat da década de 70, ao explicar como instrua seus pares a negociar diretamente com seus patrões:

Evito dar fórmulas prontas, confio mais na inteligência deles. Nunca dei uma aula – porque é nisso que pode se transformar – quando procurei passar a minha experiência em relação ao patrão nas negociações. Por exemplo, tem toda uma técnica que você aprende com a experiência que você rouba dos outros e que você tem de ter quando vai negociar com o patrão: quando tem de desistir, quando tem de se enfurecer, quando tem de fazer um acordo e assim por diante. Então, eu nunca disse: “Atenção, quando forem lá, se eles disserem isso, vocês respondem aquilo...” porque isso é só teoria e as coisas mudam, dependendo do sujeito que você tem na frente (Odonne et al, 2023, p.205).

Os segredos de ofício ou mesmo, as posturas e modos de agir durante uma negociação como a descrita acima, constituem aprendizados importantes e presentes apenas nos espaços de trabalho, onde a atividade se desenvolve. Daí a necessidade de o aprendiz estar inserido nesses espaços, observando, impregnando-se dos saberes que permeiam estes lugares, que transbordam dos corpos dos sujeitos que detém o ofício.

Na alfaiataria, muitos destes segredos são claramente percebidos no decorrer da história, em contratos realizados entre mestres e aprendizes desde a idade média, período em que o ofício era regido pelas normas das Corporações de Ofício. Um exemplo desses contratos era aquele em que os alfaiates forneciam seus padrões de modelagem aos seus aprendizes somente sob a condição de sigilo absoluto, ou ainda, como legados transmitidos apenas nas relações parentais, de pai e filho principalmente (Waugh, 1985, p.31).

De acordo com Gama, não havia livros ou textos que servissem de manuais de aprendizes. Ainda segundo o autor, os regulamentos eram muito mais códigos de proibições e de restrições do que manuais técnicos, o que se compreende face à intenção de preservar segredos (1987, p.86). Desta maneira, sem prescrições, sem a possibilidade de recorrer a qualquer tipo de registro que orientasse as tarefas, os modos de fazer no ateliê ou na oficina se estabeleciam por meio de uma dinâmica de trabalho em que o fazer próprio do sujeito, do corpo si de cada artesão buscava apoio ancorando-se nos saberes dos velhos mestres, nas instruções, nos protocolos verbais pertencentes aquele ambiente de trabalho. A imprendizagem então, permite que o sujeito, principalmente o aprendiz, absorva paulatinamente e inconscientemente a atmosfera do lugar e todos os menores detalhes que surgem diariamente, no ineditismo das situações. Um modelo em que só parte da experiência de trabalho é inicialmente repassada ao novato, que necessita demonstrar interesse e convencer aqueles que detém o conhecimento de sua aptidão e capacidade de compreensão das tarefas. Um aprendizado que ocorre em qualquer tipo de ambiente laboral, se em uma oficina de artesão ou em uma fábrica de grande porte, como no caso relatado abaixo que se refere ao ambiente de trabalho de uma indústria automobilística:

O operário especialista só transfere uma parte da experiência ao novo contratado, a outra ele tem de construir sozinho e uma terceira só vai ser transmitida quando ele for mais conhecido. Por isso, o novato se esforça por uns seis, oito meses, porque só oferecem para ele as experiências mais simples, algumas eles só sugerem para que ele entenda sozinho, e outras ele faz sozinho, sem que ninguém lhe transmita (Odonne et al, 2023, p. 163).

A contribuição dos primeiros escritos na alfaiataria

Nas alfaiatarias, este aprender situado, impregnado da atmosfera do lugar e das relações com o outro se desenvolvia majoritariamente pela observação atenta do aprendiz e pela transmissão oral, uma vez que não havia registros formais das tarefas desenvolvidas pelos mestres. Foram os alfaiates espanhóis os primeiros a se lançarem no desafio de registrar o ofício, sendo o primeiro destes registros datado do ano de 1589, intitulado *Libro de Geometri practica y Traça* (JUNIOR, 1937, p.19) publicado pelo alfaiate Juan de Alcega, o primeiro livro de alfaiataria a que se tem conhecimento.

Porém, o livro publicado por Alcega não apresenta a construção dos traçados – embora a visualização dos moldes planificados possa dar pistas da sua elaboração – mas a disposição dos moldes no tecido, o que chamamos hoje de planejamento de risco e corte.

O trabalho de Alcega não é propriamente um “método de modelagem”. Seu objetivo é mostrar como os moldes são dispostos de maneira mais econômica no tecido e a quantidade de tecido necessária por peça de roupa. As instruções para cortar e confeccionar as peças são escassas; mas os 163 padrões que abrangem 23 categorias de vestuário tanto para homens como para mulheres estão em escala e podem ser ampliados para utilização prática (Seligman, 1996, p.03).

O importante esforço dos alfaiates espanhóis em registrar os processos do ofício são o testemunho de uma necessidade já vivenciada à época, sendo o segundo livro publicado em Sevilha no ano de 1588, nomeado *Geometría y Traza para el oficio de los sastres* pelo mestre alfaiate Diego de Freyle, seguido por *Geometría Y Traza*, publicado também na Espanha porém pelo alfaiate de naturalidade francesa Francisco de La Rocha de Burguen no ano de 1618¹. A qualidade da impressão e da diagramação das publicações evoluiu consideravelmente, se aproximando do formato dos livros atuais, no entanto, assim como a publicação de Alcega, estes títulos apresentam ainda, a melhor disposição dos moldes no tecido apenas.

Os primeiros livros sobre alfaiataria apresentam modelos muito simples. O seu principal objetivo era mostrar como os colocar da forma mais vantajosa, de acordo com a largura do material utilizado. Não há variações de estilo, nem instruções técnicas; a prova nunca é mencionada (Waugh, 1964, p.35).

Existe ainda a referência de outras duas obras: *The Geometry of the Art of Cutting* de Christopher Serrana publicado em Sevilha no ano de 1619, e *Geometría y Traças pertenecientes al oficio de Sastres de Martin Anduxar*, em Madri, no ano de 1640. Em todas as publicações, fica constatado o esforço dos autores em adequar os traçados às várias larguras de tecido disponíveis à época e a forma de medição, baseado em uma “vara de medir” que tomava como ponto referência a palma da mão uma vez que ainda estavam distantes da invenção da fita métrica.

Entendo que o início da vara, como dizem os antigos, foi formado pela mão do homem, porque ela se divide toda em quatro partes, que são quatro vãos. A metade da vara é de dois vãos. A quarta parte de uma vara é um vão. A octogésima parte de uma vara é oito vezes, que é metade de um vão. A metade de meio palmo é dezesseis avos. Há também números quebrados, que devem dividir a vara em três partes, cada uma chamada de tercia [...] A vara de medição inteira tem quarenta e oito dedos, de modo que os palmos e os dedos não devem ser formados por uma mão muito grande ou muito pequena, mas por uma mão média (La Rocha, 1618, s.p.).

Uma das preocupações era de assegurar que o alfaiate ficasse atento ao cálculo correto da metragem do tecido, considerando o valor referente ao processo de encolha a que estavam sujeitos. De La Rocha chama a atenção para uma outra situação ainda mais peculiar, em que um alfaiate (supostamente aquele que vendia o tecido e não o que realizaria a tarefa) media o tecido para cortar de maneira suspensa e não apoiado em uma mesa, o que acabava por alterar a medida uma vez que o tecido suspenso crescia em medida ao ser esticado devido ao seu peso, e retornando a medida original quando devidamente acomodado.

Em Valência, temos muito trabalho em nosso comércio, porque eles cortam o tecido antes de acertar suas pontas, depois de cortado, molham-no e acertam, e não há uma vara que não encolha meio quarto, e isso é um grande prejuízo para a República e para nós. Já me aconteceu em quatro varas encolher, com a água uma quarta parte, e quarta parte e meia, e em muitas varas é uma grande perda; e os proprietários pensam que os alfaiates se aproveitam disso, e esse é o defeito que eu disse. Esse mesmo entendimento é compartilhado pelos alfaiates de Madri, que medem o tecido no ar, sem medir em uma tábua, embora recebam um polegar a mais por vara. Medi-lo da maneira como é medido é muito prejudicial, porque é muito longo ao medir, e o alfaiate o acha menor em sua casa (La Rocha, 1618, s.p.).

No século seguinte, no ano de 1720, continuando o trabalho realizado desde a publicação de Acelga, o mestre alfaiate Albayzeta lança seu livro com título semelhante aos anteriores: *Geometria y trazas pertenecientes al oficio de sastres donde se contiene el modo, y orden de cortar todo genero de vestidos Españoles, y algunos Estrangeros [...]*. Neste livro, o alfaiate Juan Albayzeta, escreve no prólogo ao leitor sobre a importância e a necessidade das regras e fundamentos, seja nas artes mecânicas como nas artes liberais, ao passo que, segundo o autor, estas eram ignoradas no ofício da alfaiataria levando a es-

cashez de registros, impactando na “pouca memória dos antepassados para poder ensinar a juventude” (1720, s.p.).

De acordo com Seligman, autor do livro “Cutting for All” em que nos apresenta um inventário histórico dos métodos de traçados de vestuário publicados, somente no ano de 1671 é que surge uma publicação francesa, o livro “Le Tailleur Sincère” do alfaiate Le Sieur Benist Boullay, seguindo o mesmo modelo das publicações espanholas.

E apenas um século mais tarde, no ano de 1769, é que surge um tratado que avança significativamente na apresentação do conteúdo da alfaiataria: o livro intitulado *Art du Tailleur* do alfaiate François Alexandre Garsault também francês, ampliando consideravelmente a temática do ofício ao indicar os tipos de pontos e instrumentos utilizados, os métodos de passagem tão importantes nos processos da alfaiataria, além de apresentar uma discussão teórica a respeito do ofício, a história da indumentária, e uma breve apresentação sobre os principais profissionais da moda à época: os alfaiates, as costureiras e as marchandes de modes² mulheres que se colocavam como intermediárias entre as artesãs que produziam as roupas e o universo da clientela (Calanca, 2008, p.125).

Assim como os livros anteriores, a publicação de Garsault não apresenta nenhuma orientação quanto aos processos de construção dos moldes nem da confecção das peças, no entanto, traz uma grande contribuição ao apresentar ilustrações ricas em detalhes, apresentando quadros tipo pranchas de moda com desenhos mais elaborados, representando por exemplo a sala de trabalho e os equipamentos de um alfaiate e variações de modelos de trajes para homens e mulheres.

Parte destas pranchas foram republicadas por Denis Diderot e Jean Le Rond

D’Alembert no suplemento da *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* lançado entre os anos 1776 e 1777, reorganizando e rerepresentando vários dos desenhos referentes ao exercício da costura.

Na figura abaixo está a representação da Prancha 6 (Imagem 1) em que estão ilustrados na parte superior o ambiente de trabalho, com alfaiates ao fundo na posição conhecida como o “sentar de alfaiate”, em cima de uma mesa³. E logo abaixo os principais instrumentos de trabalho utilizados por um alfaiate, tais como a tesoura, o ferro de passar, um vazador, entre outros.

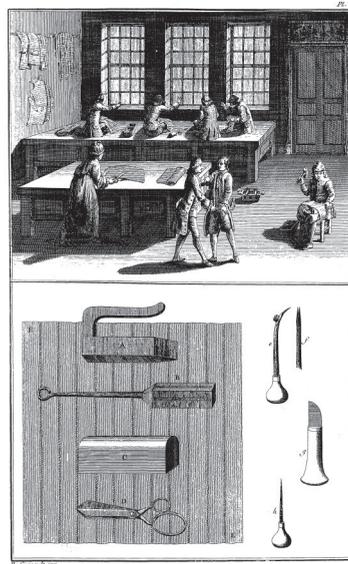


Fig. 1 Prancha VI
 Fonte: Garsault, 1769, s.p.

De acordo com Seligman (1996), somente mais tarde, em 1796 surge a primeira publicação inglesa com o título de *The Tailor's Complete Guide*, escrita por uma sociedade de alfaiates britânica, e em 1809 a primeira publicação na América intitulada *The Tailor's Instruction*, escrito por James Queen e William Lapsley na Filadélfia, considerada por Seligman, uma cópia da publicação inglesa.

Todos estes foram escritos para alfaiates e costureiras profissionais. No início do século XIX, começou a desenvolver-se a publicação de trabalhos sobre sistemas de desenho de padrões; cada novo sistema afirmava ser melhor que o anterior. Ao mesmo tempo, a publicação de revistas e periódicos dedicados à moda, à costura e à alfaiataria começou a florescer; à medida que sua popularidade crescia, rascunhos de padrões começaram a aparecer nos textos e como parte dos suplementos de moda, em escala ou em tamanho real. Além disso, os padrões reais de papel poderiam ser incluídos como suplementos ou colocados à venda, primeiro para alfaiates e costureiras, depois para costureiros domésticos. Foi nessa época que as raízes e os fundamentos foram estabelecidos para a eventual popularidade e o número de publicações que se seguiriam à medida que o século XIX avançava (Seligman, 1996, p.2).

De acordo com Giles (1887), em seu livro *The History of the Art of Cutting in England*, havia também outros tipos de materiais além das publicações disponíveis, porém estes materiais não tiveram a repercussão necessária para serem devidamente registradas e incorporadas aos acervos dos museus,

Os materiais para este trabalho são em menor número e têm sido mais difíceis de coletar e organizar do que poderia ter sido previsto, porque os nomes de muitos autores antigos são desconhecidos e suas obras, conseqüentemente, não podem ser rastreadas. As primeiras obras escritas foram, provavelmente, publicadas apenas na forma de panfletos para circulação no comércio. Eles não foram considerados suficientemente importantes para que cópias deles fossem depositadas na biblioteca do Museu Britânico, por mais interessantes que fossem para nós na atualidade (Giles, 1887, p.73).

Diversas publicações seguiram-se desde então, desenvolvidas por alfaiates de países tradicionais no ofício como Itália, França, Espanha e Alemanha, porém majoritariamente dedicados à modelagem dos trajes. Já no Brasil este tema ainda é bastante incipiente, sem publicações relevantes, apesar do interesse crescente sobre a alfaiataria e as possibilidades que o campo apresenta.

Das publicações que já estiveram disponíveis no Brasil, dois títulos são frequentemente lembrados: o *Methodo de Corte Completo Carnicelli Junior* publicado em 1937, e o *Método Mundial de Corte Anti-provas*, publicado pelo alfaiate Annibal Martins (1972), popularmente conhecido como o método Mineirinho e citado com bastante frequência pelos alfaiates brasileiros. Deste então, no Brasil, nenhum outro alfaiate se lançou na tarefa de registrar o ofício, mesmo que apenas na temática da modelagem.

Já com relação aos processos, estes ainda estão ainda mais distantes, restando apenas o acesso a publicações de alfaiates estrangeiros, em que muitas vezes a barreira da língua pode ser um entrave na compreensão das instruções. Bem como, a impossibilidade de compreensão total dos movimentos por meio de poucas e estáticas imagens, incapazes de transmitir a essência da tarefa, no detalhe do gesto.

Uma nova perspectiva no ensino da alfaiataria

Apesar do abundante número de publicações históricas e das publicações atuais sobre o tema da alfaiataria, como já dito, os processos no modo de fazer ainda estão descobertos, sem registros que deem conta de toda a complexidade das tarefas. A continuidade do ofício se manteve até aqui principalmente pela manutenção da relação mestre/aprendiz, porém, este tipo de aprendizado hoje se tornou um modelo insustentável⁴.

Diante disso, uma nova possibilidade passou a ser adotada pelos próprios artesãos, pelo menos por aqueles com disposição e vocação para o ensino. Diante da inexistente relação mestre/aprendiz nas alfaiatarias nos moldes tradicionais e a completa ausência de escolas de formação no ofício, alfaiates encontraram nessa lacuna uma possibilidade de

diversificar suas ações ofertando aulas particulares para um público bastante interessado e disposto a arcar com o alto custo desta formação, uma vez que estamos falando de aulas particulares em que o alfaiate fica inteiramente disponível ao aluno, num movimento oposto ao que predominava em uma alfaiataria, em que o mestre alfaiate não parava seu trabalho para ensinar um novato.

Um novo perfil de aprendizes vem se constituindo, em sua maioria, de estudantes oriundos de cursos de graduação em moda que desejam se especializar na alfaiataria, aprofundando os conhecimentos já adquiridos sobre as áreas da modelagem e confecção do vestuário, ou ainda por profissionais já formados em outras áreas, que, após anos de atuação e de vivenciar situações conflituosas e desgastantes no trabalho, se voltaram para o aprendizado de tarefas consideradas “mais humanas”.

Um movimento de transição importante uma vez que o ensino do saber tradicional (por meio da relação mestre/aprendiz), preservado e defendido por alguns alfaiates, vinha sendo forçosamente abandonado apesar de ser reconhecidamente a maneira mais eficiente de apreensão do conhecimento prático de um alfaiate.

A melhor forma de aprender é praticar e observar alguém que seja um mestre. O cenário ideal seria aprender no sistema de estágio. É bom ter uma bagagem universitária, mas realmente entrar em um negócio de alfaiataria como aprendiz é o melhor jeito de aprender, porque você está efetivamente trabalhando em traças reais (Kathryn Sargent em entrevista à Motta, 2016, p.123).

A bagagem universitária ainda é muito incipiente com relação aos processos da alfaiataria, pelo menos no que se refere ao cenário de ensino brasileiro. E a experiência adquirida por meio de estágios, é quase que inexistente no Brasil, diferente do que acontece nos países que são referência no ofício da alfaiataria.

Países tradicionais no ofício como Itália e Inglaterra, compreendem a alfaiataria como patrimônio cultural, celebrado e respeitado. E com a garantia de continuidade por meio dos vários estabelecimentos de ensino específicos para o ofício nesses países, o ofício se renova com a formação de uma nova geração de alfaiates atentos às mudanças do tempo contemporâneo, bem como às oportunidades que as tecnologias de compartilhamento oferecem. E de acordo com Giglio ⁵, mesmo nesses países em que a tradição do ofício é estabelecida, a preocupação com a sua manutenção e a qualidade que a caracteriza, sempre esteve presente,

Esse é um problema que sempre acompanhou o artesanato em geral. Lendo algumas matérias em jornais da década de 50, a falta de mão de obra sempre foi um problema. Há alguns anos, porém, o ofício da alfaiataria tornou-se mais interessante. Graças às redes sociais, eventos como o Pitti Uomo, trunk shows, os jovens alfaiates estão aumentando porque sabem que podem fazer isso e às vezes até se tornarem famosos. Na Accademia Nazionale dei Sartori recebemos muitos pedidos, de todo o mundo, para participar de cursos de corte e costura. Só esperamos que estes jovens trabalhem a qualidade, que como disse, é o grande problema da alfaiataria de hoje (Giglio em entrevista à Roetzel, 2023)

Desta maneira, outros modos de ensinar a alfaiataria começam a se fortalecer. Com o isolamento a que fomos submetidos durante o período mais crítico da pandemia, artesãos de vários países, alguns deles tradicionais na cultura da alfaiataria, tais como Inglaterra e Espanha, viram nos dispositivos de difusão de comunicação⁶ uma possibilidade de ampliar seus alcances e promover o trabalho que até então era restrito aos espaços de seus ateliês. Vimos iniciar um movimento de divulgação de detalhes dos processos de confecção por meio de vídeos rápidos, nos dando acesso apenas a algumas pistas de seus métodos, e em seguida, uma oferta importante de cursos de formação online, algo inusitado considerando-se uma área marcada pela discrição e pelo rigoroso sigilo do seu modo operandis. A partir de então, o processo de compartilhamento se intensificou e outras iniciativas foram surgindo como workshops e oficinas, com o intuito de aprofundar, por exemplo, em um dado acabamento específico. Ações sempre amplamente divulgadas inicialmente nas redes sociais, sendo a principal delas, o Instagram, e posteriormente ofertados por meio de plataformas de hospedagem de cursos, que podem ser comercializados a nível global. No entanto, há que se considerar que os candidatos ao ofício de alfaiate no Brasil que buscam essa formação online, contam por vezes, com as dificuldades de compreensão do idioma nestes cursos, uma vez os vídeos em sua grande maioria, não dispõem de tradução e nem legenda. Porém a imagem do movimento gestual permite uma interação e uma apropriação independente do domínio da língua falada.

Um movimento que acena para novas possibilidades na continuidade do ofício, uma vez que os alfaiates hoje, no domínio dessas ferramentas, estão dispostos a compartilhar dos seus saberes, algo que era impensável pelos alfaiates das gerações anteriores em que seus saberes eram guardados a sete chaves. Desta maneira, o movimento de abertura e de compartilhamento dos saberes por meio audiovisual dos jovens alfaiates estrangeiros, apesar da eventual dificuldade de compreensão do idioma, vem suprimindo as necessidades de aprendizagem de um público novo, interessado no ofício no Brasil.

São videoaulas - que não se definem em textos e em imagens estáticas, e sim, por meio da voz e da imagem em movimento, e que preenchem uma lacuna importante dos registros dos saberes, pois somente a imagem em movimento pode capturar detalhes que por vezes são difíceis de traduzir em palavras, “comunicando e expressando o que, muitas vezes, os textos escritos ou orais não conseguiriam manifestar” (Dias, 2008, p.226).

E embora este acesso se realize por meio de uma videoaula, os interessados se tornam bem próximos do exercício profissional de quem ensina. E, mesmo apresentando técnicas e procedimentos por vezes distintos daqueles praticados no Brasil - em função da falta de matéria prima apropriada, há lugar para desenvolvimentos profissionais futuros para aqueles que se interessam em aprender ofício, pois eles também reinventarão novas formas de fazer - renormalizarão - suas aprendizagens iniciais (Vieira; Santos, 2012).

Pois, por mais complexos que sejam os processos referentes ao fazer do alfaiate, quando registrados corretamente e esses minuciosamente apresentados, a linguagem do audiovisual é capaz de fornecer o arcabouço necessário para que o sujeito se aproprie dos saberes iniciais à tarefa proposta. E, é na sequência da explicitação dessas tarefas, com o ganho de experiência na prática, que o aprendiz à distância poderá desenvolver sua atividade, ainda que ele seja privado do exercício da aprendizagem, ao não conviver com outros alfaiates, no cotidiano das ações.

Os desafios impostos hoje aos novos alfaiates, dispostos a compartilhar seus saberes e ampliar o alcance de suas ações por meio de iniciativas como estas que se utilizam de videoaulas, sejam elas de ordem comercial ou acadêmica, dizem respeito ao domínio não apenas dos processos do ofício, mas também sobre processos relacionados ao designer audiovisual. A produção de uma videoaula de qualidade convoca uma série de conhecimentos que vão desde a roteirização e direção do conteúdo gravado, passando por domínios técnicos de iluminação, captação de imagens e edição, entre outros (Pereira, 2017). Uma série de competências convocadas para elaborar um conteúdo de qualidade que possa ser amplamente divulgado e capitalizado, isto é claro, para aqueles dispostos a desenvolverem um produto de qualidade, para além do que as câmeras de celular oferecem.

Contudo, ainda que esforços para o domínio dessas ferramentas tecnológicas sejam necessários, o movimento de abertura e de compartilhamento dos saberes dos alfaiates europeus e latino-americanos (apesar da eventual dificuldade de compreensão do idioma) se faz urgente e necessário. Serão eles capazes de dar suporte e compensar o pouco acesso ao restrito trabalho desenvolvido pelos alfaiates brasileiros em seus ateliês.

E mesmo que, apresentando técnicas e procedimentos por vezes distintos daqueles praticados no Brasil, em função da falta de matéria prima apropriada, estes processos demonstram que ainda há um caminho, uma maneira de fazer com que a arte da alfaiataria artesanal no Brasil permaneça.

Notas

1. La Rocha era natural do Condado de Champagne, próximo de Valência de Aragão à época, hoje apenas Valência na Espanha e obteve sua carta de permissão para o exercício do ofício no dia 25.02.1615, quando foi submetido a uma banca de exame em que comprovou as suas habilidades podendo então exercer o ofício livremente em todas as cidades e vilas do Reino da Espanha (La Rocha, 1618, s.p.).
2. Aquelas que deram início ao trabalho que conhecemos hoje como styling, em que especialistas em moda e estilo pessoal trabalham de maneira individualizada, auxiliando o indivíduo a melhorar sua aparência, atuando como um consultor de estilo. A mais célebre *merchante de Modes* à época se chamava Rose Bertin e atendia a Rainha Marie Antoniette.
3. Posição em que normalmente trabalhavam: o “sentar de alfaiate” em posição de lotus, tinha a finalidade de apoiar o trabalho sobre o joelho do artesão mantendo-o próximo de todos os demais instrumentos que permaneciam dispostos ao seu redor.
4. Alfaiates no Brasil não possuem mais aprendizes devido as leis trabalhistas em vigor que garantem a remuneração em contratos de estágio. Situação conflitante para eles, que aprenderam o ofício ao trabalhar para outros alfaiates por longos períodos, sem receber qualquer tipo de pagamento.
5. Alfredo de Giglio, foi o organizador do 39º Congresso Internacional de Alfaiataria, realizado em julho de 2023 na cidade de Biella, interior da Itália.
6. Sobretudo, as redes sociais têm tido um papel relevante nesta difusão. Alfaiates utilizam com frequência cada vez maior plataformas como a do Instagram, compartilhando vídeos

rápidos, “pímulas” do seu saber-fazer, chamando a atenção de um público cada vez maior para a oferta dos cursos online e presenciais, hospedados em plataformas de ensino remoto ou mesmo no formato de Workshops virtuais, nesse caso, realizados de maneira síncrona.

Referencias bibliográficas

- Albayzeta, J. (1720). Geometria y trazas pertenecientes al oficio de sastres. Zaragoza: Francisco Revilla.
- Calanca, D. (2008). História Social da Moda. São Paulo: Senac, 2008. Gama, R. (1987). A tecnologia e o trabalho na História. São Paulo: Nobel: Editora da Universidade de São Paulo.
- Dias, A. (2008). As imagens do mundo no mundo da escola repensando contribuições da tecnologia para Imagem & Educação. Educação: Porto Alegre, v. 31, nº 3, p. 223-231.
- Garsault, F. A. P. (1769). Art du tailleur. Paris: Hachette.
- Giles, E. B. (1887). The History of the Art of Cutting in England. London. Disponível em: <<https://bit.ly/49jBocT>>. Acesso em: 16 fev. 2024.
- Junior, C. (1937). Methodo de Corte Completo. Rio de Janeiro: Cia Brasil Editora.
- La Rocha, F. (1618). Geometria y Traza: perteneciente al oficio de sastres. Valência.
- Martins, A. (1972). Método mundial de corte anti-provas: base direta e proporcional. 4ª. São Paulo: Imprensa Metodista.
- Motta, E. (2016). Alfaiatarias: radiografia de um ofício incomparável. Fortaleza: Senac.
- Odonne, I; Re, A.; Briante, G. (2023). Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Pereira, V. C. (2017). Uma proposta de instrumento de roteirização de videoaulas à luz da teoria instrucional e da aprendizagem multimídia. Texto Livre: Linguagens e tecnologia: Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 178-197
- Roetzel, B. (2023). International tailor's congress in Biella — Interview with Alfredo de Giglio. Der Feine Herr. 02.out.2023. Disponível em: <https://bit.ly/3NbHvXX>
- Schwartz, I. (2000a). Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe. Toulouse: Éditions Octarès.
- Schwartz, I. (2000b). Trabalho e uso de si. Pro-Posições, Vol 1, nº5 (32).
- Schwartz, Y.; Durrive, L. (2021). Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. 2.ed. Niterói: EdUFF, p.259-288.
- Seligman, K. L. (1996). Cutting for All! The sartorial arts, related crafts, and the commercial paper patter. Library of Congress Cataloging.
- Seymour, J. (1988). Métiers Oubliés. Paris: Éditions du Chêne.
- Vieira, J.; Santos, E. (2012). A Gênese da perspectiva ergológica: Cenário de construção e conceitos derivados. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.83-100.
- Waugh, N. (1964). The Cut of Men's Clothes: 1600-1900. New York: Library of Congress.

Abstract: The apprentice in a tailor's shop learns the trade through a duality of processes: the conscious teaching of the master through the demonstration of the tasks to be performed, which is done verbally and eventually supported by a specialized bibliography; and through the process of "imprentissage", a term coined by Schwartz and Durrive (2021), which translates the act of learning by the simple fact of being inserted into the work environment. In a world permeated by secrets, the manuals written by tailors become increasingly important for the maintenance of the craft, a challenge for tailors since the time of the craft corporations, which began recording them in the 16th century. And for today's tailors, who are increasingly required to have skills other than needle and scissors, the challenge is to understand how to use software and other programs that optimize tasks and allow this knowledge to be produced and recorded, putting it on par with current market and educational demands.

Keywords: Tailoring, Ergology, Skills, Imprentissage, Craft, Knowledge, Secrets of the trade.

Resumo: O aprendiz inserido em uma alfaiataria apreende o ofício em meio a uma dualidade de processos: o ensinar consciente do mestre por meio da demonstração das tarefas a serem executadas, o que ocorre verbalmente e eventualmente amparados por manuais especializados; e por meio do processo de "imprendizagem", um termo cunhado por Schwartz e Durrive (2021), e que traduz o ato de aprender pelo simples fato de estar inserido no ambiente de trabalho. Em um universo permeado de segredos, os manuais escritos pelos alfaiates assumem cada vez mais importância para a manutenção do ofício, um desafio para os alfaiates desde a época das Corporações de Ofício que no século XVI iniciaram os primeiros registros. E para os alfaiates contemporâneos, cada vez mais convocados a dispor de outras habilidades para além da agulha e da tesoura, os desafios se direcionam para a compreensão do domínio de softwares e outros programas que otimizam as tarefas e viabilizam a produção e o registro destes saberes, os colocando *pari passu* com as demandas de mercado e de ensino atuais.

Palavras-chave: Alfaiataria, Ergologia, Habilidades, Imprendizagem, Ofício, Saberes, Segredos de ofício.

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo.]
